

ENCARTE PARA O PROFESSOR

Brasil-menino

Fátima Miguez

Ilustrado por Pedro Rafael

Brasil-menino é o primeiro título da coleção *Brasil em letras e cores* que pretende fazer uma viagem pela cultura brasileira através das artes plásticas do período colonial aos dias atuais. A imagem da criança, desde o período colonial até a contemporaneidade, ilustra bem a trajetória da infância em diferentes situações em que o espaço do lúdico nem sempre é fixado como lugar do desenvolvimento da criança.



Assuntos: cultura brasileira, infância

Interdisciplinaridade: Língua Portuguesa, Arte

Temas Transversais: Ética, Pluralidade Cultural

Edição 2006

48 p./ 27,5 x 20,5 cm/ ISBN 85-368-0054-2

A OBRA

A Coleção *Brasil em Letras e Cores* tem por objetivo principal fazer uma viagem pela cultura brasileira através das artes plásticas do período colonial aos dias atuais. A palavra literária será o instrumento poético de construção nessa experiência artística. O quadro, como um convite ao exercício de criação, instaura um conteúdo de produtivas leituras a partir de dois signos em estética comunicação. A literatura e a pintura, como manifestações de arte, viabilizam, assim, interativa leitura da história do nosso povo em uma pluralidade cultural de expressivo significado. É a palavra e a imagem na parceria da criação pintando o Brasil em letras e cores.

Cada volume reúne poemas inspirados em telas selecionadas a partir de um tema específico. Na travessia do Brasil colonial ao Brasil atual, poemas e quadros ilustraram a riqueza da cultura brasileira com seus usos, costumes e tradições.

O primeiro volume da coleção, *Brasil-menino*, tematiza a infância e suas representações na pintura brasileira. A imagem da criança, desde o período colonial até a contemporaneidade, ilustra bem a trajetória da infância em diferentes situações em que o espaço do lúdico nem sempre é fixado como lugar do desenvolvimento da criança.

Encarte integrante do livro *Brasil-menino*, de Fátima-Miguez, ilustrado por Pedro Rafael, publicado pela Editora DCL – Difusão Cultural do Livro. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução sem prévia autorização da editora.



A infância dos excluídos, por exemplo, ignora o jogo e a brincadeira, introduzindo o trabalho infantil como referência dessa infância, ou o abandono da criança pobre e infeliz.

A representação imaginária da infância na pintura brasileira fornece, então, um material crítico para um estudo reflexivo sobre o lugar da criança na cultura nacional. Os poemas, inspirados nas diversas telas selecionadas, expressam essa travessia poética da infância do Brasil colonial ao Brasil atual, em uma perspectiva crítica de brasilidade.

Qual o lugar da criança na cultura brasileira? Como viver a infância em seu espaço de liberdade, de jogo, de fantasia?

“Quem é que pode parar os caminhos da infância, da memória, da esperança?”

Tais indagações abrem uma reflexão em torno da memória da infância e da importância de se resgatar o lugar da criança como agente cultural. A natureza infantil é sempre a mesma em qualquer época. A criança vê/lê o mundo a partir de suas impressões imaginárias. É seguindo pelo território da invenção, da curiosidade e, principalmente, da fantasia que a criança caminha na paisagem mágica do seu próprio mistério. Essa visão mágica do mundo move o imaginário da infância desde os tempos mais remotos. O livro *Brasil-menino* pretende revisitar esse espaço da infância em seu conteúdo de experiência humana dotada de uma herança universal-nacional. Tendo em vista esse foco da universalidade do ser criança na trajetória da infância brasileira, esboçaremos um estudo baseado nos poemas do livro *Brasil-menino*, objetivando sempre um diálogo criativo da arte da palavra com a arte da cor, do traço e das demais expressões artísticas.

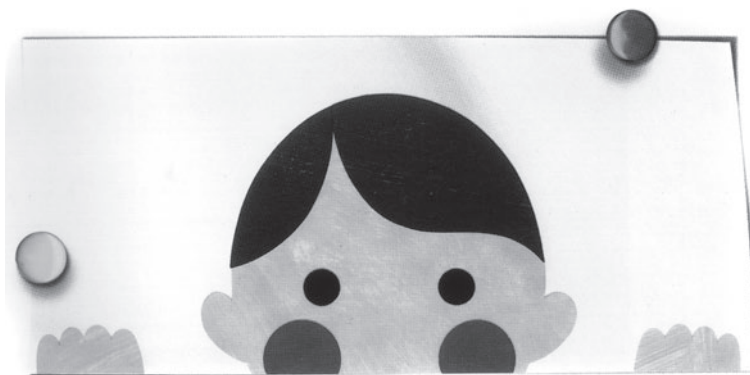
Um dos meios mais eficientes de se alimentar a imaginação infantil é a prática da brincadeira. Brincar é exercer o domínio da fantasia utilizando-se da liberdade criadora. O brinquedo, por exemplo, é um instrumento de brincar, é uma ponte na condução da fantasia. É por meio do brinquedo que a criança relaciona-se com o mundo, estabelecendo contato com os desafios do existir em busca de soluções pessoais e transformadoras. A experiência lúdica dos jogos e dos brinquedos ajuda, também, os pequenos a manifestar suas emoções e desejos de criação.

O poema que dá título ao livro *Brasil-menino* introduz a personagem-símbolo nessa travessia do imaginário da infância brasileira: o “*Brasil-menino e seu moleque destino*”, em uma alegórica alusão à criança brasileira em seu espaço de brincar e criar. Identificando o lúdico com a criança e relacionando-a com o espaço livre, o eu poético cita várias brincadeiras em que a criança experimenta o convívio social, segue regras, lidera, enfim, vive o desafio de todo jogo, como se lê em: “*Corrida com bastão,/ corrida de sacos,/ corrida de obstáculos,/ corrida de sapatos...*”. Essas são algumas brincadeiras de experiência

coletiva que necessitam de espaço livre para se desenvolverem dentro de uma atmosfera de alegria e de liberdade. Por outro lado, existem as brincadeiras de prática individual que não seguem a lógica do mundo conceitual. A criança determina o conteúdo imaginário de diferentes objetos. Uma simples pedra, por exemplo, reúne uma diversidade de sentidos no exercício da brincadeira, adaptando-se a uma idéia criadora que a criança, como sujeito cultural, estabelece em um dado momento. A criança quer presentear alguém e a pedra torna-se preciosa, quer brincar com areia, construindo castelos, e torna-se engenheira, quer curar suas bonecas e torna-se médica. A transformação dá-se por meio da sensibilidade do fazer acreditando no saber. É o faz-de-conta autorizando a experiência imaginária, legitimando a prática da fantasia. A repetição da brincadeira, isto é, o fazer de novo, essencializa o ato de brincar. A criança quer sempre repetir a conquista de um saber adquirido. É o gosto de saborear a vitória renovadas vezes.

O poema em destaque ainda relaciona *“a bolinha de sabão,/ bola, pipa, pião”* que são instrumentos promotores do brincar. A partir de um mecanismo natural, as crianças desenvolvem suas fantasias por meio dos brinquedos artesanais. Nada é mais adequado ao imaginário das crianças do que esses autênticos brinquedos que reúnem habilidade manual ao talento criador de cada um.

Na história cultural dos brinquedos, observamos a troca sucessiva dos artesanais pelos eletrônicos, comprometendo a prática lúdica da brincadeira. A indústria dos brinquedos, em nome do pragmatismo moderno, inverte as relações culturais em uma dinâmica de dar vida aos objetos transformando as crianças em coisas. Esse processo de coisificação das crianças substituiu a ação de brincar pelo consumo de uma produção cultural capitalista. O espaço do quintal, da rua, do jardim, da praça – territórios livres para a criança brincar – foram substituídos por brinquedos eletrônicos, instaurando-se assim a descaracterização do lugar da infância. A rua, por exemplo, reunia, nas calçadas, as crianças em um convívio social baseado em jogos e brincadeiras ao ar livre. A substituição desse espaço real pelas representações simbólicas da sociedade de consumo alterou o cotidiano da criança, alienando-a de sua cultura própria. A mecanização dos brinquedos impede a participação criativa e social das crianças desconsiderando as regras naturais do imaginário. A produtividade do brinquedo advém, certamente, de sua possibilidade de estimular a imaginação infantil. A criança, como sujeito de suas



brincadeiras, dá vida aos brinquedos externando suas criações mobilizadas pelos sentimentos mais profundos. A infância contemporânea precisa visitar os meios de acesso à fantasia, à sensibilidade, ao estado mágico da leitura do mundo. Hoje, os veículos de comunicação, a tecnologia dos brinquedos e o pragmatismo da vida interferem muito na prática do imaginário. É, portanto, urgente o resgate do espaço livre, das brincadeiras em grupos infantis, dos jogos e brinquedos com fins lúdicos, enfim, de um repertório de atividades portadoras de um dinamismo natural tão peculiar ao universo da infância.

O poema *Tempo revisitado*, inspirado na tela *Crianças na praça*, do pintor *naif* Dalvan, restaura o espaço livre da praça em uma perspectiva de liberdade, conforme podemos ler em: “Meninos escorregam/ sonhos ao ar livre,/ ganham asas, alforria!”. É o tão sonhado lugar da infância que foi tomado pela marginalidade, pelo abandono das praças nas grandes cidades. O tom interrogativo dos três versos iniciais chama a atenção para esse problema real no cotidiano dos centros urbanos: a ausência de crianças nas praças em virtude da violência. Hoje a praça é uma ameaça constante aos seus frequentadores. Mas, mesmo assim, o texto sinaliza para uma esperança convidando o leitor a refletir sobre o poder da infância na memória da humanidade, como lemos em: “Quem é que pode/ parar os caminhos/ da infância,/ da memória,/ da esperança?/ A praça é sempre/ uma boa lembrança/ que o tempo alcança!”. A utopia do tempo perdido, no inconsciente coletivo, deflagra a crença de que o homem pode reconstruir o tempo em busca de sua redenção. O eu poético reconstitui, pelas lembranças, o desejo de volta a um lugar ideal onde a criança desfruta o espaço da praça para brincar. Há, portanto, uma esperança de retorno a esse lugar fabuloso nos versos da poética do “Tempo revisitado”. O traço *naif* da pintura de Dalvan, na sua ingenuidade criativa, acentua essa atmosfera mítica de retorno ao que se teve e não se tem mais.

O poder mágico do maravilhoso antigo está presente nas cirandas de roda que utilizam a magia da palavra cadenciada em evoluções de ritualísticas representações. O poema *Roda de cores*, baseado no quadro *Roda*, de Milton Dacosta, evidencia o sim-





bolismo do círculo e das cores em uma ciranda de meninas “*girando sua(s) sinas*”. Dotada de uma pureza de expressão cromática, a tela de Milton Dacosta, pintor da geração que se seguiu à de Portinari, é um convite a um passeio pelo imaginário das brincadeiras de roda.

As cantigas de roda, do ponto de vista pedagógico, contemplam uma série de objetivos importantes na educação da criança. De natureza social, a brincadeira de roda estimula a união, o convívio fraterno entre os pequenos. Brincar de mãos dadas com os colegas, na circularidade dos movimentos gestualmente partilhados, desenvolve o princípio da coletividade, do grupo. Além disso, a ciranda promove o despertar para a música, a poesia, o canto, em uma iniciação ao folclore infantil. Utilizando o imaginário da criança como força motora na construção da brincadeira, as cantigas de roda atuam na sensibilidade da infância trabalhando

as emoções pelo lúdico. A criança tímida, por exemplo, poderá destacar-se pela presença mobilizadora do grupo acolhendo-a em um ritual de repetidos gestos de integradora harmonia. Já a liderança de um dos membros da roda deve desfazer-se no coletivo à medida que a criança dominadora observe as regras do jogo, isto é, ela é apenas parte de um todo. E, assim, exercitando a socialização da criança, a brincadeira de roda permeia o imaginário da infância de todos os tempos em uma dinâmica de reveladora aprendizagem.

Revigorando o conteúdo lúdico das brincadeiras tradicionais, destacamos, ainda, os poemas *A corda feminina* e *Cabra-cega*, inspirados em telas de Orlando Teruz, um dos melhores pintores da atualidade brasileira. O poema *A corda feminina*, por exemplo, ressignifica a brincadeira de pular corda, jogo que envolve destreza, salto, coordenação motora. Outra brincadeira do nosso folclore revivida é a cabra-cega, denominação portuguesa, ou cobra-cega, como é conhecida em algumas regiões brasileiras. A criança escolhida para representar a cabra-cega põe uma venda nos olhos e fica de mãos estendidas defronte do grupo de jogadores. O objetivo é a cabra-cega alcançar alguma criança para passar a venda e continuar a brincadeira sem o véu da cegueira. Os olhos cobertos pela venda estão, da mesma forma, fechados ao mundo, à realidade, em uma travessia iniciática da infância com seus poderes secretos. É o olho mágico da criança fantasiando o objeto do seu olhar. No poema *Cabra-cega* há uma memória intertextual do diálogo da brincadeira, como lemos em: “ – *Cabra-cega de onde vieste?/ – Do moinho./ – O que trouxeste?/ – Um saco de farinha./ – Me dá um pouquinho?/ – Não!*”. Dentro do lendário brasileiro, o mito da cabra-cega perpetua-se pelo inventado, é a permanência da tradição na literatura infantil.

A poética da infância vai, assim, enlaçando cada poema-tela em um ritmo de movimento e magia almejados na realização de qualquer brincadeira. Vislumbra-se, assim,

na psicologia do leitor, uma possibilidade de dar vida ao que a arte da palavra e a arte da cor, minuciosamente, despertam com dinamismo poético.

Outro passeio pelo lendário brasileiro da poética da infância é o poema *Saci-pererê*, inspirado na tela de Tarsila do Amaral, musa do movimento modernista que imprimiu em sua obra o tom de uma brasilidade primitiva e ingênua. O famoso ne-grinho de uma perna só aparece no texto associado à cultura do medo em incursões pelo ambiente doméstico virando o mundo “ao avesso”, como se lê em: “*a cozinha é só o começo,/ o alvo dos arremessos.../ estraga a massa do pão,/ espalha as cinzas do fogão,/ é mesmo um furacão...*”. Esse ente moleque, nos traços da pintura de Tarsila do Amaral, acolhe uma leitura de lúdico conteúdo sinalizada no poema, conforme os versos anunciam: “*lembra um brinquedo de guri,/ rodopia, rodopia, sem cair./ Você é capaz de descobrir?*”. Numa alusão ao pião, “*brinquedo de atirar*”, o eu poético convida o leitor a observar tal semelhança entre o saci e este brinquedo que “*é pernetá como o saci,/ veste um barbante para se exibir*”.

O velho tema do circo com seus grandes espetáculos é objeto de dois poemas baseados em telas de Portinari e Djanira. Destacando o circo como uma “*roda de inventos*”, o poema *O circo* dá vida à tela de Djanira em uma junção essencial da poesia e da pintura. Ao descrever poeticamente a dinâmica do circo no exercício de sua realização, o poeta ressalta a magia das ilusões que a linguagem do circo oferece, conforme lemos em: “*Ao lado, o contorcionista/ enverga o corpo na pista/ e, um outro, embaixo, se arrisca./ É tudo um golpe de vista*”. Tem música, tem teatro, tem brincadeira em um espaço onde a circularidade evoca a idéia de movimento, de totalidade. Alguns profissionais do circo estão em evidência poética em plena atividade circense como “*um acrobata de pernas pro ar*”, “*o contorcionista enverga o corpo na pista*” e ainda “*tem artista no trampolim lançando o corpo em arremesso*”. É o circo quebrando a rotina dos centros urbanos em uma perspectiva mágica de transformar o dia-a-dia da cidade. A vivacidade do quadro de Djanira, pintora que começa a carreira pública em 1942, leva o leitor-fruidor a uma liberdade de natureza lúdica.

No poema *O palhaço*, é a tela *Circo*, de Candido Portinari, o objeto do olhar poético. É interessante observar que Candido Portinari nasceu em Brodowski, interior de São Paulo, em uma terra roxeada, avermelhada. O quadro *Circo* faz alusão ao território natal do pintor modernista, inscrevendo-se no acervo memorialístico da infância de Candinho. Portinari pintou com as cores, com os dons do coração, com o sentimento poético das recordações da infância. É uma tela da memória do eu menino que na pobreza da sua infância soube aproveitar o espaço livre da cidade para brincar e pintar o que a imaginação naturalmente manifestava. O



palhaço, porta-voz do riso, é o condutor da alegria neste quadro-poema. No jogo invertido de ser e animar a criançada, usando a máscara da fantasia, ele “*transforma o abandono/ em momentos de sonho, de fuga, de ilusão...*”. Em uma leitura social, o eu poético sinaliza para o papel transformador desse personagem tão importante na história do circo.

Qual o lugar do circo na vida da criança hoje? Esta indagação sugere um trabalho de pesquisa sobre o circo no cotidiano das grandes cidades envolvendo as crianças da turma em uma visita ao circo para acompanharem de perto toda a trajetória daqueles que fazem o espetáculo acontecer. Resgatar o circo como o espaço da infância é desatar o sonho, a liberdade, a poesia.



Outro espaço da infância revisitado pela poética de Miguez é o Carnaval na sociedade brasileira da primeira metade do século XIX, registrado pela pintura de Jean-Baptiste Debret (1768-1848). O poema *Marcha da infância*, à luz da tela de Debret *Primeira manifestação da virtude guerreira*, de 1827, resgata a cultura do Carnaval no Brasil-Colônia. Integrante da Missão Artística Francesa que chegou ao Rio de Janeiro, em 1816, Debret reúne em sua obra a memória de uma época na qual índios, nobres e escravos eram atores da vida nacional. Na tela em destaque, o Carnaval é encenado por crianças fantasiadas de soldado, em uma brincadeira que reúne inventividade e adereços, como bandeira, espadas, cornetas, chapéu de papel e até galhos de árvores representando cavalos.

O poema *Malhação de Judas*, inspirado na tela de Debret *Judas de sábado de Aleluia*, faz alusão à brincadeira de execução de Judas no imaginário do século XIX. À luz da tradição popular que veio da Península Ibérica, Judas é queimado em praça pública e punido pela traição a Jesus. Costume comum no Rio de Janeiro oitocentista, os Judas, bonecos de palha ou de pano, traziam fogos no ventre e eram atacados por crianças no sábado de Aleluia, véspera da Páscoa, no desfecho da Quaresma.

Dois temas de interessantes leituras que merecem destaque em sala de aula: o Carnaval e a Quaresma. Rever esses dois eventos culturais no seu processo dinâmico de evolução do século XIX ao século XXI envolve uma pesquisa de natureza histórica de reveladores significados. O Carnaval é a festa da carne, do profano, da permissividade, da desordem. A Quaresma é a festa do espírito, do sagrado, da contenção, da disciplina. A farra do Judas, por exemplo, revela-se nesse contexto de restrição como uma abertura carnalizada de conteúdo punitivo.

A infância destaca-se, também, no imaginário da pintura de outro grande artista brasileiro: José Ferraz de Almeida Junior. Paulista da cidade de Itu, Almeida Junior foi o primeiro pintor no Brasil a registrar o homem simples do interior com seus costumes regionais. As quatro telas selecionadas no livro *Brasil-menino* acolhem a criança do cam-

po em seu ambiente natural. O poema *Menino*, baseado na tela de mesmo nome, elucida a infância em uma leitura do tempo e sua passagem voraz. Há, também, o registro poético da arte universal que eterniza o artista através de sua obra, como podemos ler em: “Um menino debruçado/ na tela do tempo/ guarda um sorriso atento,/ a eternidade de um breve momento”. A tela *Pescando* é revisitada pelo poema *Canção do pescador*, no qual o eu poético mergulha na tranqüilidade da paisagem para aprofundar a passagem do tempo e o poder da infância em sua dimensão de esperança. Atravessando para a outra margem da infância, evidenciamos no poema *Iniciação* o caminho de difícil travessia de um pobre menino em seu rude destino. É a infância em sua dimensão de dor e dificuldade retratada por Almeida Junior no quadro *Recado difícil*. Contemplando o lado da gula sinalizada já no título de outro poema, *Prazer descascado*, o eu poético questiona o gesto do menino pedindo silêncio aos leitores-fruidores da tela *Menino com banana*. Em cada tela-poema de Almeida Junior sobressai o jeito simples da infância do final do século XIX.

E, assim, o livro *Brasil-menino* percorre a história da infância, por meio do imaginário da nossa pintura, desde Debret, no início do século XIX, até o século XXI, com a tela *naïf* de Dalvan, datada de 2002. É a pátria mítica da infância ressignificada pela pintura e pela poesia em um cenário cultural de múltiplas leituras. E ampliando ainda mais esse repertório artístico, vislumbramos ainda a arte das ilustrações do baiano Pedro Rafael. Em um diálogo de brasilidade, seus desenhos acentuam, de forma harmoniosa, a atmosfera lúdica da poética da infância. A leveza e a vivacidade dos traços desse artista criam uma narrativa visual de variadas leituras, reencenando mitos e lendas da nossa cultura. Cores e formas ganham, assim, um papel de destaque nesse tecido pictórico de estética confecção. É a pausa criativa necessária para o leitor provar o saboroso banquete da leitura.



Fátima Miguez, que elaborou este encarte, é professora do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ com pesquisa na área da Leitura e Literatura Infantil e escritora de literatura infantil e juvenil com vários livros publicados pela Editora DCL e outras.